

TIC portuguesas no bom caminho

Portugal tem um sector de tecnologias de informação e comunicação que faz jus às melhores práticas europeias

■ CLAUDIA SARGENTO

claudiasargento@revistas.cofina.pt

«Portugal, apesar do atraso que regista noutras áreas, tem um sector TIC que faz jus às melhores práticas europeias.» Esta foi uma das principais conclusões saídas do seminário «O Futuro das TIC em Portugal», organizado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa (CCILF) e que teve como convidado o Alma Consulting Group.

O seminário tinha como objectivo «debater o panorama actual das TIC, bem como os desafios e as oportunidades com que o sector se vai deparar num futuro próximo», conforme explicou ao *Semana* Nuno Nazaré, *Innovation manager* do Alma Consulting Group.

O grupo Alma aproveitou para apresentar alguns números oficiais do sector, no recurso a instrumentos de financiamento, «e alertar as empresas do sector das TIC para a existência de instrumentos de financiamento e de incentivos fiscais à I&D». No final do debate, foi ainda possível perceber que, dada a importância crescente do sector de TIC na construção da Nova Economia, será «de esperar que as empresas portuguesas tenham um papel cada vez mais activo, mormente, nos mercados internacionais», defendeu Nuno Nazaré. No seminário realçou-se ainda «o contributo fundamental que as TIC poderão dar no alcance das metas definidas pela *Estratégia Europa 2020*».

Entre os diferentes oradores, Hans-Erhard Reiter, vogal da Direcção da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, falou sobre o panorama das

TIC em 2010 e José Manuel Graça Bau, conselheiro no Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, aludiu aos conteúdos e objectivos futuros do Portugal Tecnológico. Por seu turno, o presidente da Comissão Executiva da *European Telecommunications Network Operators' Association*, António Robalo de Almeida, centrou a sua apresentação na situação actual dos operadores de telecomunicações e nas perspectivas de evolução do sector.

No que diz respeito à temática ligada ao financiamento da inovação, Nuno Nazaré explicou que se percebeu que o Sistema de Incentivos Fiscais à Investigação & Desenvolvimento Empresarial «é neste âmbito um dos instrumentos mais generosos e atractivos da Europa, apresentando uma taxa de crédito fiscal aprovado de 70%». No entanto, e «apesar das vantagens do SIFIDE, ainda há poucas empresas do sector TIC a recorrer a este apoio», sublinhou o responsável do Alma Consulting Group.

Questionado relativamente ao cenário das TIC em Portugal, Nuno Nazaré lembrou que, quanto ao financiamento, e tendo em conta uma análise feita pelo Alma Consulting Group, os apoios aprovados pelo QREN no sector das TIC, no âmbito do programa SI I&DT (excluindo o Vale I&DT e os Centros I&DT), «ascendem a cerca de 76 milhões de euros, correspondendo a 40% das candidaturas e dos incentivos aprovados neste programa». No caso do Sistema de Incentivos Fiscais à Investigação & Desenvolvimento Empresarial, as TIC também se destacam, «sendo a área da informática que tem maior número de

candidaturas, com mais de 80 em 2008». Conjuntamente com a área das comunicações, que tem cerca de 10 candidaturas, «o sector das TIC ultrapassa os 100 milhões de euros em despesas declaradas em I&D», disse o mesmo responsável.

O *Innovation manager* da Alma Consulting Group acredita que o advento das Redes de Nova Geração «será um factor importante para o crescimento do sector» e sublinhou que terá de existir «um grande investimento por parte dos principais operadores Telco». De qualquer forma, «é consensual que melhores estruturas de acesso, maiores larguras de banda e convergências de redes e serviços apenas farão sentido se houver um conjunto de empresas que desenvolvam conteúdos, soluções e serviços que criem a necessidade no público-alvo», defendeu Nuno Nazaré. Segundo ele, este aspecto acaba por ser «a grande oportunidade que se depara às PME do sector TIC», sendo que instrumentos de financiamento, como o QREN e o SIFIDE, «permitirão suportar parte dos investimentos em inovação, estimulando a apetência e dinâmica do sector no desenvolvimento de soluções tecnologicamente inovadoras».

Relativamente à crise económica, este responsável considera que, «mais do que um entrave», ela se poderá transformar numa «oportunidade para as TIC». E explica porque: «Porque o contexto macroeconómico obriga as empresas a repensar a sua forma de trabalhar e a encontrar soluções mais eficientes, atribuindo cada vez mais importância à poupança de recursos.»